

Novos Catedráticos.

Conforme as palavras do Sr. Diretor desta Faculdade, Prof. Dr. Alfredo Buzaid, a conquista da cátedra na Universidade reveste-se de tal importância, que necessário se torna o registro no ato solene de investidura.

Portanto, em sessão solene da Congregação, realizada no salão nobre e presidida pelo Sr. Diretor, presentes altas personalidades, foi confirmada a posse anterior das cátedras de Direito Civil e Direito Penal respectivamente pelos Srs. Doutores José Carlos Moreira Alves e Manoel Pedro Pimentel.

Aberta a sessão, foram introduzidos no recinto os novos catedráticos pelos Profs. Drs. Miguel Reale, Sílvio Rodrigues e José Pinto Antunes.

Em seguida, o prof. Dr. Moreira Alves foi saudado pelo representante da Congregação, Prof. Dr. Washington de Barros Monteiro.

Discurso do Prof. José Carlos Moreira Alves.

Após a saudação recebida, o novo professor de Direito Civil pronunciou a seguinte oração:

“Entre os elos das adversidades que se encadeiam pela vida de um homem, momentos há de satisfação — ainda que fugazes — que o compensam dos dissabores por que passou para alcançá-los.

Vivo, agora, um desses instantes.

Raros, bem raros, os que tiveram que enfrentar tantos percalços para atingir o escopo visado; e mais raros, ainda,

os que, atacando-os de frente, confiados tão só em si mesmos, os venceram a todos, e chegaram à meta desejada numa altura da vida em que o triunfo não é fim, mas meio: a possibilidade de realizar ideais que, em regra, a idade vai fazendo fenecer.

A cátedra, na estrutura do ensino, é o último degrau daquela escada a que alude VIEIRA, o qual pode não ser maior do que os outros, “mas basta ser o último e estar acima dos mais, para que dêle se possa alcançar o que de outros se não alcança”.

Rejubilo-me hoje de, não há muito, no momento mais dramático de minha carreira universitária, ao invés de prostrar-me em desânimo, ter encontrado fôrças, no intimo de meu ser, para seguir inflexível o conselho que se lê nos *Apólogos Dialogais* de D. FRANCISCO MANUEL DE MELO:

“Muito vai em se porem os homens a altos fins, que já pode ser que por isso digam os italianos: se queres ser Papa, mete-o na cabeça”.

Foi o que fiz.

E o esforço que despendi, e as tribulações por que passei, e as incertezas que sofri por desilusão do julgamento de homens, só Deus os conhece.

Nada, porém, foi em vão, e, por isso, tenho hoje a ventura de, perante vós — a Egrégia Congregação da tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco —, ascender à cátedra, aspiração desde meus primeiros dias de estudante.

Senhores Professôres:

Emposso-me numa das cátedras de Direito Civil desta Faculdade em época em que se adensam as responsabilidades do magistério universitário, particularmente do professor de direito.

De fato, os que ensinamos a ciência jurídica não nos defrontamos, apenas, com a crise que, em diferentes países,

assola a Universidade, mas temos ainda, diante de nós, outra crise — mais grave, mais profunda, mais extensa —, a do direito, no mundo contemporâneo.

É óbvia a importância de nossa atuação para que se debele a crise do ensino superior. Que somos nós — os professôres — senão o alicerce das Universidades? E se houver quem disso duvide, espancar-se-ão suas dúvidas se atentar para êste fato de singeleza igual à verdade que êle reflete: dote-se a Universidade do que há de mais perfeito em organização administrativa, em instalações, em equipamentos, em métodos, em currículos; mude-se, enfim, tudo para melhor, mas se coloque nela um corpo docente trôpego. De que adiantará tôda a revolução que se fêz? Sem professôres à altura, não há edificio universitário que se não esboroe.

Por outro lado, em tôdas as épocas em que o direito se encontrou em crise, foi o trabalho de professôres que a debelou, elevando a ciência jurídica da decadência ao apogeu, em lapso de tempo menor do que se poderia imaginar.

Volvi a vista para os fins do século XI, e lá encontrareis a figura legendária de IRNÉRIO, um mestre-escola. Antes dêle, o direito se estudava em classes de artes liberais, e a Itália — principalmente seu comércio marítimo — se via a braços com ordenamento jurídico incipiente como era o bárbaro. Descobre-se em Amalfi um manuscrito do *Corpus Iuris Civiles*; IRNÉRIO (e depois, dêle, seus discípulos) passa a estudá-lo em Bolonha, que, breve, se torna o centro de convergência dos estudiosos de direito, e o foco de que vai originar-se a maior transformação jurídica que o mundo ocidental conheceu: a criação do direito comum.

Subi ao século XIX. A Alemanha até SAVIGNY não se destaca no estudo da jurisprudência, e os cultores que dela aí existem, influenciados pelo jusnaturalismo do século XVIII, propendem para a feitura imediata de codi-

ficação — ainda que falha — que substitua o direito comum então vigente. SAVIGNY, através da cátedra e da pena, combate a idéia, lança os fundamentos da Escola Histórica, e, propiciando a eclosão de expoentes universitários, ao invés de emperrar a evolução do direito germânico, cria condições para que a Alemanha, no final do século, dê ao mundo um de seus maiores monumentos legislativos — o B.G.B.

No Brasil de nossos dias ainda é das Escolas de Direito que continuam a sair as melhores vocações para as lideranças políticas do País, e, conseqüentemente, aquelas que disporão em futuro próximo — no século em que a mocidade se apossa, celeremente, do poder — dos meios mais eficazes para a reformulação da consciência jurídica nacional, reintegrando o direito no primado das ciências sociais.

Estou, portanto, consciente da responsabilidade que compartilharei convosco nesta época de transformações e de incertezas.

Consciente e tranqüilo.

Chego à cátedra, não através de improvisação coroada pelo desfêcho feliz de um concurso, mas graças a estudo árduo, diuturno e acurado da ciência a que me consagrei, alicerçado em magistério intenso e ininterrupto por mais de uma dezena de anos.

E não vejo na cátedra meu objetivo final.

Neste instante — dos mais solenes de minha vida — devo confessar-vos que minha ambição é mais profunda: a de esforçar-me, o mais que possa, para deixar aos pósteros a marca de minha passagem por esta Faculdade, contribuição que todos devemos ao trabalho dos nossos maiores, que construíram a tradição de que ora desfrutamos.

Se até a ira, no dizer de VIEIRA, pode ser santa, essa é uma santa ambição, que se não exaure com a simples

conquista de uma cátedra. Para quem dela é possuído, a cátedra é somente uma das etapas do longo caminho a percorrer.

Senhor Professor Washington de Barros Monteiro:

Agradeço-vos, de coração, as palavras com que me recebestes. Crescem elas de valor, partindo de quem partem.

Estai certo de que, se depender de mim, não deslustrarei a cátedra em que meu antecessor, o Professor Nicolau Naso, no silêncio da sua modéstia, se empenhou em cultivar as inteligências jovens que São Paulo, a mancheias, tem derramado nesta Casa.

Uma palavra, ainda.

Deixei para meus pais e para minha mulher a homenagem da última lembrança.

A vocês meus pais — e permitam-me, como sempre me permitiram, o afeto de um *você* —, deponho-lhes aos pés a láurea que conquistei, pálida contrapartida do muito que me deram, no decorrer de nossas existências.

A você, minha mulher, que foi minha companheira na infância e na adolescência; que estudou e se formou comigo; que, nos quase treze anos de vida em comum, renunciou, por mim e pelos nossos filhos, a carreira que seus estudos auspiciosamente lhe abriam; a você, ainda uma vez, peço que me perdoe os sacrifícios que esta Cátedra lhe impôs. Mas saiba que sei que, se fôsse possível recuar o tempo, você não hesitaria em suportá-los de novo.

Discurso de Saudação ao Dr. Manoel Pedro Pimentel, pelo Prof. Dr. Basileu Garcia.

Após o discurso de agradecimento do Prof. Dr. José Carlos Moreira Alves, foi dada a palavra ao Sr. Prof. Dr. Basileu Garcia que, em nome da Congregação, saudou o

novo catedrático de Direito Penal com as seguintes palavras:

“O dia de hoje, se é de júbilo para V. Exa. e para os que lhe são caros no círculo da sua família, não o é menos para os professôres desta casa, que tenho a honra de representar.

Cheguei, como professor, a vê-lo entre os alunos, o que mostra que nos separa o espaço de uma geração. Encontrei-o depois nas lides da advocacia, dedicando-se, creio que exclusivamente, ao setor criminal, onde se salientou como um dos melhores oradores forenses de São Paulo, pela fluência da sua linguagem, pela tranqüila fôrça da sua argumentação, pela simpatia que associava à sua presença e pelo devotamento insuperável com que se entregava às suas causas. Já se podia adivinhar, no expositor que falava com segurança e método, e que penetrava no âmago dos assuntos, o didata que se revelaria logo mais, quando NOÉ AZEVEDO o foi buscar para seu auxiliar de ensino.

Não ignoro que nessa oportunidade V. Exa. convertia em realidade o grande sonho da sua vida: ser professor. E tal ocorreu, de fato, desde então, sem adiamentos, porque as vitórias que a seguir foi alcançando, até ver-se guindado à cátedra, não passaram de seqüências naturais do seu auspicioso noviciado.

É que sem demora o Professor Manuel Pedro Pimentel se tornou conhecido, entre os seus companheiros e os alunos, como um cumpridor pontual dos seus deveres, aos quais dava o melhor dos seus esforços, ensinando com verdadeiro amor a sua difícil tarefa.

Não havia dúvida alguma de que, pouco depois, subiria à livre docência. E subiu com brilho. E de que, entre os livres docentes, se colocaria na primeira linha para investir, através da barricada do concurso, em direção à cátedra, que veio a conquistar galhardamente, substituindo àquele mesmo que para aqui em boa hora o trouxe.

O nome de Noé Azevedo está, pois, historicamente vinculado ao sucesso que esta solenidade significa.

Sempre admirei nesse nosso querido colega, agora afastado da militância das aulas, a sua sagacidade. Assim como o sertanejo é antes de tudo um forte, Noé Azevedo é antes de tudo um sagaz. Enxerga longe e fundo e sabe selecionar pessoas. Quando êle o descobriu, Professor Manuel Pedro Pimentel, entre os jovens advogados paulistas, para distingui-lo com o convite a vir coadjuvã-lo, percebia que estava recrutando um elemento capaz de engrandecer a Faculdade de Direito e de ocupar o seu posto, quando daqui se ausentasse. Olhos voltados para o futuro, pensou na sua sucessão e dispôs cautelosamente.

De mim, que não tinha tido com V. Exa. acentuado convívio e que o observava na simples condição de expectador de algumas das batalhas em que se empenhara, devo dizer que, mentalmente, jamais o separei de seu Pai, a quem fui ligado por sólidos laços de amizade.

Privei com DAVID PIMENTEL quando, atraído pelo Procurador Geral VICENTE DE AZEVEDO, fui labutar ao seu lado. A então denominada Procuradoria Geral do Estado já era, àquela época, um reduto especialmente árduo da Justiça de segunda instância, para o qual, entretanto, ao contrário do que hoje acontece, estavam destinados bem poucos servidores. O trabalho era aflitivo, pela sua quantidade e urgência. Foi nessa quadra que tive o ensejo de estimar, de querer bem ao insubstituível Secretário da Procuradoria, DAVID PIMENTEL, que, sem ser formado em Direito, o penetrava incomparavelmente melhor do que nós, os bacharéis, e estava a par de todos os intrincados meandros por onde deveriam andar os inexperientes, como eu, para levar a bom termo a sua missão.

Que homem bom! Muitas vêzes ouvi êsse comentário, que ressoa ainda na minha lembrança como voz unânime convertida em generalizado sentimento de afeto.

Já estava V. Exa. nesta casa quando a indicação do seu nome, entre os mais notáveis da advocacia, o conduziu às altas funções de Ministro do Tribunal de Alçada, cuja presidência, na parte criminal, atualmente exerce, sinal de que os seus colegas magistrados ratificam o juízo que os seus colegas advogados e os seus colegas professôres têm a seu respeito.

É, pois, V. Exa. um homem feliz, um homem realizado. Na advocacia e na magistratura, pôde fazer-se imprescindível. No desempenho do magistério superior, atingiu, na pujança da sua maturidade, o extremo confim da carreira professoral, onde não haverá mais outros galardões a disputar.

O que há aqui, de agora em diante, para V. Exa., é a rotineira atividade de cada dia. Atividade que exprime ordem, apaziguamento interior, sossêgo, que lhe faz falta após as prolongadas lutas em que se empenhou até aproximar-se êste instante festivo, e que se presta à reflexão e ao estudo operoso, com que poderá contribuir, como atualizado penalista que é, para o aperfeiçoamento do ramo do Direito que elegeu para a sua devoção.

Paira nos domínios da nossa comum disciplina jurídica uma aura de insatisfação pelo que possuímos e de ansiedade por desejadas reformulações que apenas entrevemos. Todos sentimos que a sociedade brasileira necessita de leis criminais mais completas, mais preventivas, menos inçadas de perplexidades, mais eficazes na defesa contra o crime, sem que por isso devam ser menos humanas.

Essa renovação penal, que se prenuncia, muito tem a esperar de espíritos equilibrados como o de V. Exa., afeito a dosar a prudência e a equidade do julgador à perspectiva ampla a que se habituou, na advocacia, e que nas funções professorais é testemunha da efervescência das idéias, que empolgam os oficiais do nosso ofício no Brasil e lá fora.

No momento em que solenemente ingressa na Congregação da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, esta escola, que o recebe de braços abertos, felicita-o de coração e pede a Deus que continui a conduzi-lo, pelas veredas da sabedoria e da bondade, sempre bem, como o conduziu até aqui”

Discurso de agradecimento do Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel.

Agradecendo à saudação recebida, o novo catedrático de Direito Penal pronunciou a seguinte oração:

“Oportunidades como esta ensejam, menos que a glorificação de pessoas, a reafirmação das tradições grandiosas da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Defender essas tradições, pelo que elas representam em nosso patrimônio cultural, é dever de todos os que amam esta Casa.

E foi para não fugir ao cumprimento dêsse dever, contrariando um desejo íntimo de não solenizar o ato da minha posse, que aqui vim. Tive medo, confesso, que a conquista da cátedra pudesse converter-se em um fator negativo para a mim felicidade.

Lembrei-me muito da novela de Steinbeck: — Kino, um jovem índio pescador de pérolas, em momento de grande ansiedade, desejou encontrar uma pérola de grande valor, que significasse a realização do seu sonho. Um dia, êste tornou-se realidade. Entretanto, a pérola encontrada somente lhe trouxe dissabores e desgraças, culminados com a morte de seu único filho. Desencantado, Kino tornou ao ponto de partida, devolvendo ao mar a grande pérola, buscando reencontrar a felicidade na vida simples de pobre pescador.

A lição sugerida pelo genial escritor era esta: cada um de nós deve manter-se na sua própria condição, para a qual foi criado, e na qual deve dar o seu quinhão

para a grande harmonia do Universo. Ultrapassá-la, por ambição ou egoísmo, acarreta um desequilíbrio que vitima, em primeiro lugar, o ambicioso ou o egoísta e depois a todos os que o cercam.

Apesar de não terem sido muito felizes os primeiros momentos da minha integração na Egrégia Congregação, por fatores circunstanciais ligados à tumultuada época em que vivemos, creio que o sortilégio da pérola não se repetirá.

Assim acredito, porque não vim a esta Casa movido pela ambição ou pelo egoísmo, e sim pelo amor que a ela sempre dediquei. E as conquistas do amor autêntico nunca poderão gerar infelicidade.

Cheguei a esta Faculdade em 1940, aprovado em exame de seleção, para cursar o Colégio Universitário, aqui existente àquela época.

Vinha de um colégio marista, onde vivera em regime de internato durante cinco anos.

Meu pai, David Pimentel, homem de extraordinárias virtudes, escolhera para mim o Código Arquidiocesano, instituto de elite, muito acima das suas modestas posses.

Sacrifícios ingentes foram feitos por êle, durante êsses cinco anos, para que eu recebesse os ensinamentos dos Irmãos Maristas, notáveis educadores.

Consigno, desde logo, em meio a uma nuvem de saudade, o meu reconhecimento, a minha veneração, ao meu melhor amigo, David Pimentel, à minha Mãe, e aos Irmãos Maristas. A todos êles devo grande parte da felicidade dêste momento.

A minha formação espiritual e cultural se fizera em moldes rígidos, impregnados dos princípios religiosos e fundados na doutrina tomista. Nesta Casa encontrei ambiente inteiramente diverso, pois aqui ensinavam, igualmente, professôres católicos, positivistas e agnósticos. A interpretação dos fatos não obedecia a um cri-

tério uniforme. Habitado a resolver os problemas sob o influxo de uma corrente de pensamento quase exclusiva, estranhei muito.

Aos poucos compreendi que estava sofrendo um impacto de liberdade e, o que é mais importante, eu estava preparado para decidir por mim mesmo. Iniciei, então, um processo de revisão metódica dos conceitos, muitos dos quais já se apresentavam com as feições de preconceitos.

Esta repentina oxigenação do espírito e da inteligência poderia sufocar-me, não fôsse a honestidade dos mestres e a autenticidade dos condiscípulos. O meu temor desapareceu, restando apenas um grande respeito pela Academia, respeito que gerou um grande amor. O meu espírito comungou com o espírito da Faculdade. As suas tradições, eu as respeitava tôdas. O seu gênio de Liberdade e de Justiça estava, naquela quadra, em plena ebulição. A dominação ditatorial nos forçava a viver momentos sentidos de heroísmo, como fugidos, Mestres e alunos, nas catacumbas das Arcadas, fustigados pela opressão e pela repressão.

Participei dêsses movimentos, fundindo, mais e mais, a minha alma na alma da Academia.

Os últimos românticos ainda viviam aqui. Poetas e seresteiros enchiam as noites boêmias de imagens e de sons, derramando lirismo sôbre as nevoentas madrugadas paulistas. A política acadêmica dividia as preferências dos estudantes, não dividindo, porém, os seus corações.

O estudo era, por isso mesmo, uma integração no todo da Academia. Era válida a trilogia simbólica que encima os portais internos de ingresso à Faculdade: Direito, Política e Poesia. Por isso esta Casa era mais que uma simples Faculdade de Direito: era um Templo, um Lar, um Refúgio. Quem passou por esta Academia e viveu a sua vida, sabe que isto é verdade.

A quadra feliz, no entanto, iria terminar. Em 1946, integrando uma das mais expressivas turmas que aqui já se formaram, da qual fazem parte também os ilustres Professôres Vicente Marotta Rangel e Oscar Barreto Filho, concluíamos o nosso curso. Em janeiro de 1947, tendo como paraninfo o inesquecível Professor Gabriel de Rezende Filho, recebíamos o diploma, lembrando-nos, melancôlicamente, dos versos acadêmicos:

“Eis o tudo que nos resta
De tantos anos de estudo:
— No fim do ano, uma festa,
— No fim da festa, um canudo. . .”

A despedida aconteceu no páteo interno, em radiosa manhã de verão. Era difícil aceitar a idéia de que não pertencíamos mais à Academia. Era nostálgico o sentimento da partida. As Arcadas não seriam mais nossas. Os professôres iriam ensinar outros alunos. Os funcionários — entre os quais já se destacava, como guardião-mór das tradições acadêmicas, Dr. Francisco Emygdio Pereira Neto, o querido Chico Emygdio — já não seriam o nosso apôio qüotidiano. A Faculdade iria continuar, mas nós passaríamos. . .

Era impossível reter aquêlo momento! Era impossível prolongar por mais tempo a despedida.

Foi, então, que sonhei. Sonhei, ali, no meio do páteo ensolarado, vestido com a béca de bacharelado, que eu não deixaria a Academia. O meu destino estava ligado ao seu. Haveria de permanecer nesse amor, até o fim dos meus dias. Veria passar gerações de estudantes, e haveria de transmitir-lhes o mesmo amor que naquele instante inundava a minha alma. Sonhei, então, ser um professor! Ser um Professor na Academia! Esta seria a chave do segrêdo, para permanecer sempre na Faculdade!

Alguém me chamou. Acordei. Era hora de partir. Sorri para mim mesmo da tolice do meu sonho. Partimos.

O sonho não me abandonava. Mas eu sabia que era apenas um sonho tolo. Moço pobre, eu precisava ganhar a vida. O tempo para estudos era escasso. Trabalhando duro na exigente advocacia criminal, não desisti. Roubava ao sono horas da madrugada, para estudar. Não acreditava que pudesse conseguir o distante alvo. Mas prosseguia.

Um dia me aproximei de um homem, cujas virtudes não poderia enaltecer devidamente. Dizer que êle é bom, generoso, altruista, amigo, é apenas descrever uma pequena parte do seu todo. Êste homem fôra meu professor de Direito Penal. Timidamente, mas empurrado por mão invisível, cheguei-me a êle e pedi-lhe que me orientasse nos estudos, dando-me um plano de trabalho. A sua resposta, surpreendente, emocionante, foi um convite para que eu viesse trabalhar com êle na Faculdade!

Pronuncio o nome dêste homem com profundo respeito e reverente gratidão: Professor Noé Azevedo. Foi êle quem me abriu a porta, foi êle quem me trouxe de volta à Academia. É a êle que succedo neste momento, com a responsabilidade de honrar a mesma cátedra por êle ocupada durante mais de trinta anos, deixando o seu nome como um marco de extraordinário brilho na história da Academia.

O sonho começava a tornar-se realidade. Nos anos seguintes tudo parecia mais difícil. Tempo houve em que pensei seriamente em desistir. Mas, então, além do sonho, havia outra motivação para continuar: a amizade, a confiança, o estímulo de Noé Azevedo.

Tornei-me livre-docente da cadeira. E quando o tempo inexorável obrigou o sentido afastamento dêsse inigualável professor, cumpri o dever de consciência de concorrer à sua vaga. Não esperava, senão secretamente,

conseguir a cátedra. O que eu tinha em mãos já era muito, considerando-se que eu partira do nada.

Mas Deus permitiu esta suprema ventura, que hoje se realiza, e que torna concreta a aspiração de uma vida! As senhoras e os senhores assistem, nêste momento, à realização de um sonho, sonhado há vinte e dois anos, no páteo interno, em uma linda manhã de verão.

Devo-a, também, em grande parte, à minha mulher, Carmen Gama de Oliveira Pimentel, e aos meus filhos, Manoel Pedro, Luiz Ricardo, Carmen Sylvia, Claudio e Maria Eduarda. Formando uma retaguarda afetiva de inestimável valor, êles me deram um Lar, recanto sagrado onde se desmancham e se espraíam as vagas do mar revólto da vida. O lugar santo, que êles souberam encher de amor e de paz, de harmonia e de tranqüilidade, propiciando-me condições para o estudo e para o trabalho.

Sou-lhes muito grato e com êles reparto os louros da corôa que ôra recebo, como sempre repartimos o pão, as alegrias e as dôres.

Agradeço, também, à Egrégia Congregação e ao ilustre Diretor desta Casa a generosidade com que me receberam.

Ao eminente Professor Basileu Garcia, mestre incomparável da nossa disciplina, meu examinador em dois Concursos, agradeço de todo o coração a honra que me deu, aceitando saudar-me nesta solenidade, como orador oficial. As suas palavras serão por mim lembradas eternamente.

Volto à Academia para nela permanecer, se Deus assim o permitir, até o fim dos meus dias. Volto trazendo o mesmo ideal de transmitir aos moços, às gerações de estudantes, tudo o que eu souber. Mas, principalmente, hei de me esforçar para transmitir-lhes o amor que tenho a esta Casa, o enlêvo pela sua poesia, o encanto pelo seu passado, pela magia das suas tradições de heroísmo, de civismo, a fôrça de seu culto à Liberdade e à Justiça.

Quero morrer vivendo êste ideal. Quero aspirar todos os dias o alento eterno destas Arcadas, envoltas no seu gênio imperecível. Quero servir à Academia, respeitá-la e fazê-la respeitada. Quero, se Deus me ajudar, participar do seu amor, no convívio dos eminentes professôres que a sentem como eu. Quero, num amplexo fraterno, estreitar todo o corpo discente, todos os funcionários, do mais graduado ao mais humilde, para sentir bem próximo o tesouro místico encerrado nestas Arcadas.

Rogo a Deus, nêste instante, que me conceda a graça de poder viver, com fidelidade e com dignidade, o meu sonho.